

A PALAVRA EM BAKHTIN: UMA ANÁLISE DA PRIMAVERA ÁRABE

Fabio Ferreira Agra¹ (Uesb)
ff-agra@hotmail.com
Marcus A. Assis Lima² (Uesb)
prof.uesb@hotmail.com

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar as propriedades da palavra sob a perspectiva bakhtiniana, tendo como *corpus* fragmentos de reportagens que diz respeito às revoltas de civis contra seus governantes no mundo árabe, ocorridas em 2011, chamada pelos *medias* de *Primavera Árabe*. Partindo dos conceitos de Mikhail Bakhtin acerca da palavra, observa-se que as acepções de determinados termos podem variar de acordo com o momento histórico em que a palavra é lançada, sendo susceptível a subjetivações do locutor, assim como a do interlocutor.

Escrever ou falar sobre o outro sem subjetivar-se é tarefa indizível de acordo com os conceitos bakhtiniano sobre a palavra. A neutralidade, sendo uma das propriedades da palavra, “se estabelece no sentido de que a palavra é ‘neutra em relação a qualquer função ideológica’” (STELLA, 2007, p. 179), mas quando a palavra é materializada no discurso, toda sua neutralidade se perde e novas acepções, de acordo com o contexto sócio-histórico, são adquiridas tanto pelo locutor quanto pelo interlocutor. “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis.” (BAKHTIN, 2010, p. 109).

Partindo do pressuposto que a teoria/análise dialógica é a relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos (BRAIT, 2006) e que todo enunciado é um “elo da cadeia complexa de outros enunciados” (BARREIROS; CAMARGO, 2007), para o presente trabalho será feita uma análise da palavra na perspectiva bakhtiniana, utilizando-se dos conceitos sobre as quatro propriedades da palavra (*pureza semiótica; interiorização; participação em todo ato consciente e neutralidade*). De acordo com Brait (2006), a apresentação da análise/teoria dialógica do discurso significa:

Conceber estudos da linguagem como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro.

A análise da teoria dialógica em relação à palavra se dará por meio do método sociológico proposto pelo Círculo de Bakhtin, tendo como *corpus* as revistas de informação *Veja* (por meio de reportagem de edição eletrônica acessada no *Acervo Digital*³ da revista) e

¹ Mestrando em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

² Professor Doutor do curso de pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens e do curso de graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

³ O Acervo Digital da revista *Veja* contém as matérias da edição impressa e pode ser acessado através do próprio site da revista. A saber: www.veja.com.br.

Carta Capital (por meio de reportagem em versão eletrônica). De acordo com Souza (2002), apud Barreiros e Camargo (2007), para Bakhtin o método sociológico tem as seguintes tarefas:

Transcrever o acontecimento ético no seu aspecto social, já vivido e avaliado empaticamente na contemplação estética; sair dos limites do objeto e introduzir o acontecimento em ligações sociais e históricas mais amplas e ultrapassar os limites da análise propriamente estética.

Os conteúdos a serem analisados são sobre as revoltas de civis contra governos no mundo árabe, no Norte da África e Oriente Médio, que aconteceram em 2011, denominada pelos *medias* de *Primavera Árabe*, sendo esta a expressão avaliada em suas acepções de acordo com as propriedades da palavra apontadas por Bakhtin. O *corpus* analisado trata-se de fragmentos do gênero reportagem do campo jornalístico com temática voltada para conflitos armados, revolução e revolta. A reportagem se caracteriza como gênero discursivo secundário na teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos. Segundo Bakhtin há dois gêneros discursivos: primários, que diz respeito à comunicação cotidiana, e secundários, como romances e textos jornalísticos.

Sob essa perspectiva, a análise dos textos que tratam da *Primavera Árabe* não pode ser concebida apenas observando o acontecimento em si, sem uma conjuntura permeada pelos sujeitos que os escrevem. Tem que haver uma análise sócio-histórica dos acontecimentos e também dos sujeitos que os produzem. É preciso observar o caráter ideológico do discurso. Segundo Galtung e Ruge (1999), existe uma *cadeia de comunicação noticiosa* em que se estabelece a estrutura do noticiário desde o momento em que os fatos acontecem no mundo, passando pela percepção dos *medias* para depois serem transformados em notícia. Contudo, nesta cadeia de comunicação proposta por Galtung e Ruge, entre a percepção dos *medias* e a notícia materializada há uma seleção e distorção dos fatos. Portanto, entre uma ponta e outra da cadeia de comunicação, os *medias* estão sujeitos a fazer leituras dos fatos de acordo com sua visão sócio-histórica e ideológica. De acordo com Voloshinov (1930, apud MOTTELO, 2007, p. 169) o conceito de ideologia para o círculo de Bakhtin é “todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio das palavras [...] ou outras formas sígnicas”.

Os meios de comunicação embasados em uma suposta imparcialidade reproduzem discursos para seus leitores, ouvintes ou telespectadores com suas palavras impregnadas de marcas ideológicas que são apreendidas ao longo da história. Sendo assim, as enunciações não podem ser consideradas neutras. Segundo Ponzio (2009, p.133) “o significado de toda enunciação é inseparável de seu sentido ideológico e de sua relação com a prática social”. Além disso, para Bakhtin (1929, apud PONZIO, 2009, 123):

A palavra não é uma coisa, mas o *medium* constantemente móvel, eternamente mutável, da relação dialógica. Não pertence nunca a uma só consciência nem a uma só voz. A vida da palavra consiste em passar de boca em boca, de um contexto a outro, de um grupo social a outro, de uma geração a outra. Comportando-se dessa forma, a palavra não esquece o caminho percorrido e não pode se livrar de todos esses contextos concretos dos quais antes fez parte. [...] O falante recebe a palavra de uma voz de outrem, e cheia de vozes outras. A palavra chega ao seu contexto vinda de outro contexto e também cheia de intenções alheias.

Assim os *medias* cristalizam seu ponto de vista, que pode apresentar-se ora como um simples relato de um fato, ora como uma opinião, como se seus interlocutores fossem convidados para um banquete, devorando a notícia como se eles saboreassem um prato sem a preocupação de se perguntar qual a receita. Neste caso o importante para alguns interlocutores é o deleite e o estômago cheio de atualidades sobre os fatos. Porém, assim como um prato tem todo um processo de preparação, desde a escolha dos ingredientes, como é feito seu preparo, qual o tempero utilizado e qual o cozinheiro que o fará, o interlocutor deveria observar que a notícia também passa por um processo de produção, que vai da seleção dos fatos até a escolha das palavras a serem utilizadas para a construção do texto, que traz consigo o posicionamento dos meios de comunicação, como se estes servissem uma notícia quente e recheada de pontos de vista, ora do jornalista, ora da empresa que o emprega e ainda a do leitor, que descodificará a mensagem de acordo com seu posicionamento frente aos acontecimentos. “O essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto particular.” (BAKHTIN, 2010, p. 96)

Para analisar a palavra, é preciso considerar os contextos históricos e sociais, ou seja, a palavra em situação de uso. Em relação às revoltas do Norte da África e do Oriente Médio, é necessário realizar uma busca histórica para compreender as novas acepções que a expressão *Primavera Árabe* pode adquirir.

Como a linguagem está sempre em movimento, a expressão *Primavera Árabe*, que foi aplicada em outras conjunturas, pode ser compreendida pelo interlocutor a partir de um discurso anterior, mas sob novas formas e novos atores. Segundo Machado (2007, p. 161), “Bakhtin entende que uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma outra linguagem. É por esse viés que se pode falar em heteroglossia e, conseqüentemente, em dialogia de linguagem.” E se tratando de discurso midiático, pode-se falar também em polifonia.

2. Primavera Árabe

A *Primavera Árabe*, revolta de contestação de regimes autoritários e duradouros em países do Oriente Médio e Norte da África, desencadeou-se em 4 de janeiro de 2011 na Tunísia, após a morte do vendedor tunisiano Mohamed Bouazizi, que em um ato de auto-imolação ateou fogo em si mesmo no dia 17 de dezembro, ao protestar contra o confisco da sua mercadoria pela polícia. A morte de Mohamed Bouazizi gerou uma onda de revoltas e culminou com a queda do então ditador daquele país, Zine al-Albidine ben Ali, que estava no poder há 23 anos. A Tunísia foi o estopim de uma série de revoltas promovidas por civis em pelo menos oito nações árabes, como Iêmen, Egito, Líbia, Bahrein, Marrocos, Jordânia, Argélia e Síria. Além de Ben Ali, as revoltas depuseram Hosni Bumarak (Egito), Ali Abdullah Saleh (Iêmem) e Mummar Kadafi, ex-ditador da Líbia, onde uma guerra civil eclodiu com intervenção da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), o que levou a captura e morte do ex-ditador pelos insurgentes, recebendo uma ampla cobertura dos meios de comunicação. Nesses quatro países tais mudanças podem se caracterizar como revolução. Em outros as revoltas foram reprimidas a força, embora pequenas transformações políticas, como reformas na legislação, foram realizadas.

As novas mudanças nos países árabes não eram imaginadas pela comunidade internacional e agora fazem parte da pauta dos principais veículos de comunicação do mundo. Contudo, acontecimentos inesperados fazem parte da vida do jornalista, que deve estar sempre preparado quando uma pauta chegar a suas mãos. Quando se trata de revoluções, muitas vezes elas são tramadas no silêncio, sem alarde, e uma centelha revolucionária acesa em um país pode se alastrar a outros lugares. Como argumentam Tarik Tazdaï e Naceur Chaabane (2011, p.33), as revoluções são precedidas de articulações silenciosas:

Como sublinhou Timur Kuram⁴, diante de regimes repressivos, as populações aprendem a resistir ao arbitrário pela falsificação de suas preferências. Mesmo se as pessoas reconhecem a necessidade de mudança, jamais expressarão em público qualquer atitude ou comentário suscetível de revelar suas verdadeiras aspirações; na melhor das hipóteses, seriam discutidas em âmbito privado, com pessoas de confiança. Esse silêncio das massas dá impressão de estabilidade, e essa aparência de estabilidade não permite ver o crescimento gradual de descontentamento nem a forma como é gestado – até o momento em que detonam os levantes. Com as máscaras caídas pela imprevisibilidade, revela-se um povo obstinado pela reivindicação da liberdade, da liberdade de ser ele mesmo.

Contudo, no mundo contemporâneo é cada vez mais necessário que as agências de notícias e as grandes empresas jornalísticas estejam prontas para cobrir o maior número de países possível, pois com a globalização as relações de Leste a Oeste, Norte a Sul estão cada vez mais imbricadas. O número de atores globais aumentou, principalmente, pós Guerra Fria, com mercados cada vez mais competitivos e com amplas parcerias entre os países, sejam potências econômicas ou não. De acordo com Lima (2002):

Os jornais não poderão mais limitar a cobertura jornalística àqueles poucos centros urbanos que são eleitos como merecedores da instalação de uma sucursal – a delimitação espacial tratada anteriormente. Será exigida do jornalista, mais do que já é, uma cultura abrangente, capaz de lidar “naturalmente” com eventos que acontecem em países distantes. Daí, a imposição, às agências internacionais de notícias, de uma maior amplitude na cobertura realizada em âmbito mundial. Assim, parece que caminhamos para um jornalismo mais global e plural, no sentido da inclusão de povos e comunidades periféricas nas agendas político-culturais mais amplas.

Se tratando do Norte da África e do Oriente Médio, este último sempre recebeu certo destaque na imprensa Ocidental devido aos conflitos entre palestinos e israelenses e nos últimos dez anos devido às guerras do Iraque e Afeganistão (este localizado na Ásia central), promovidas pelos Estados Unidos da América. No Norte da África, o Egito é um dos países que mais consegue atrair as atenções dos *medias*, pois o país, antes da *Primavera Árabe*, era um dos aliados dos Estados Unidos no mundo árabe e contribuía para sua política externa na região, exercendo influência sobre a Autoridade Palestina em processo de negociação de Paz com Israel.

Com a *Primavera Árabe*, o mundo árabe volta a ter visibilidade na comunidade internacional. Com o passar das semanas, as revoltas começaram a atrair a atenção dos *medias*. Entre 4 de janeiro, data em que começaram os protestos na Tunísia, e as primeiras publicações sobre o assunto pelas revistas *Veja* e *Carta Capital*, alguns dias se passaram. A revista *Carta Capital* noticiou a revolução na Tunísia com uma matéria sob o título *Perfume de Jasmim*⁵, em edição n° 630 de 26 de janeiro de 2011. A revista *Veja* publicou sobre os

⁴ Timur Kuran, *Private Truths, public lies: the social consequences of preference falsification* [Verdades privadas, mentiras públicas: as consequências sociais da falsificação da preferência], Harvard University Press, Cambridge, 1995.

⁵ Referência à *Revolução do Jasmim*, termo utilizado inicialmente para denominar a revolta na Tunísia. Com as insurgências acontecendo em outros países árabes, essa denominação foi abandonada em favor de um termo mais abrangente.

acontecimentos na Tunísia em uma nota na seção de *Datas* da edição 2200, do dia 19 de janeiro de 2011⁶, em que informa que o Primeiro-Ministro Mohammed Ghannouchi assumiu a presidência do país no lugar de Ben Ali.

Aos poucos a expressão *Primavera Árabe*, já recorrente em toda imprensa mundial, foi sendo utilizado pelas revistas brasileiras após a consolidação das revoluções na Tunísia, no Egito e na Líbia, embora as revoltas no Norte da África e do Oriente Médio viessem sendo noticiadas.

Esse é o contexto em que a expressão surge na imprensa brasileira, indicando as insurgências no mundo árabe para depor os ditadores que estavam no poder há anos. Contudo, a expressão *Primavera Árabe* e/ou mesmo a palavra *Primavera* já foram utilizadas em outras ocasiões e com contextos políticos um tanto diferentes.

2.1 A história é outra, mas as palavras são as mesmas

A expressão *Primavera Árabe* foi utilizada em algumas outras ocasiões quando suscitava-se qualquer mudança política no Oriente Médio rumo à democracia. Em 2005, algumas mudanças políticas na região foram comumente chamadas de *Primavera Árabe*. Entre estas mudanças estavam o falecimento de Yasser Arafat, em novembro de 2004; a participação do eleitorado iraquiano nas eleições de janeiro de 2005, e o assassinato do ex-primeiro-ministro do Líbano Rafic Hariri, em fevereiro de 2005, seguido de protestos exigindo a retirada das tropas sírias de território libanês, além de outros fatos, como a reforma da eleição presidencial no Egito, anunciada pelo então presidente Hosni Mubarak, em fevereiro de 2005. De acordo com Gilberto Achcar⁷ (2005): “Por sua conjunção, esses acontecimentos - que alguns qualificaram de "primavera árabe" - suscitaram uma onda de comentários na imprensa mundial, cujo impressionismo às vezes era impresso de credulidade”.

Porém, a expressão também remete à resistência egípcia aos britânicos, franceses e israelenses nas décadas de 1950 e 1960. Segundo o economista e historiador do Oriente Próximo, Georges Corm (2011), a *Primavera Árabe* iniciada no final de 2010 pode ser o primeiro grande movimento de contestação nos países árabes desde a era Nasser, ex-presidente do Egito que governou o país entre 1956 e 1970.

Será uma nova ‘Primavera Árabe’, esperada há tanto tempo desde a vitória sobre as forças coloniais britânicas e francesas, que de comum acordo com Israel se voltaram contra aquele que era, em 1956, o símbolo da resistência, o Egito de Gamal Abdel Nasser, anti-imperialista e terceiro mundista? Aquele período chegou ao fim de modo brutal em 1967, com a derrota dos exércitos do Egito, da Síria e da Jordânia frente a Israel. (CORM. Nas ruas, a volta do povo. *Le Monde Diplomatique Brasil*, abril 2011, p. 36.)

A origem da expressão ainda é incerta. Alguns meios de comunicação dizem que é uma alusão a *Primavera de Praga*⁸, movimento que aconteceu em 1968 na antiga Tchecoslováquia com o objetivo de promover grandes transformações políticas no país comunista, seguido de ampliação dos direitos dos cidadãos. Mas o certo que a expressão

⁶ As datas que aparecem em relação às edições da revista *Veja* neste trabalho são todas de acordo com a versão eletrônica acessada no *Acervo Digital* da revista.

⁷ Disponível em <http://diplomatique.org.br/acervo.php?id=1219&tipo=acervo> Acessado em 1 de julho de 2012

⁸ Para mais esclarecimentos, assista, por exemplo, à reportagem disponível em <http://tvcultura.cmais.com.br/culturaretro/o-que-foi-a-primavera-de-praga>.

tomou grandes dimensões e correu o mundo porque não se restringe a um ou outro país, mas a quase todas as nações árabes.

3. Bakhtin e a Primavera Árabe

Para análise deste trabalho, dois fragmentos de duas reportagens, uma da *Veja* e outra da *Carta Capital*, contendo a expressão *Primavera Árabe*, foram selecionados. O fragmento tirado da revista *Veja* consta em uma reportagem sob o título *Israel, uma nação sitiada*, publicada em 21 de setembro de 2011, edição 2235, assinada por Duda Teixeira, em que diz sobre as implicações do reconhecimento da Palestina como Estado com filiação plena na ONU, tendo como pano de fundo da reportagem as revoltas no mundo árabe. O *lead*⁹ da reportagem começa reportando fatos sobre a revolução egípcia em que relata que manifestantes no Egito ocuparam a embaixada de Israel no Cairo no dia 9 de setembro. O trecho da reportagem que trata da expressão *Primavera Árabe* consta ainda no *lead* da notícia:

O ataque à embaixada não é o primeiro dos muitos atos criminosos praticados por radicais maometanos com a cínica anuência das autoridades egípcias. Gangues de jovens muçulmanos destroem igrejas cristãs e atacam cidadãos cujo único crime é não comungar com eles a mesma religião. Os policiais sempre chegam atrasados a esses episódios, a tempo apenas de impedir que muito sangue seja derramado e caia a ficha do Ocidente de que a Primavera Árabe é apenas o prenúncio passageiro do duradouro inverno dos governos teocráticos dominados por radicais islâmicos. (TEIXEIRA, 21 de setembro de 2011, p.75. Grifo nosso).

Em relação à revista *Carta Capital*, o fragmento de reportagem a ser analisado foi publicado em versão eletrônica no dia 21 de março de 2011, assinada por Gianni Carta, sob o título *Ultimato da ONU ao tirano*¹⁰, em referência a possíveis sanções da ONU a Líbia. Ao longo da reportagem faz-se uma abordagem sobre a *Primavera Árabe* nos países do Golfo, como o Bahrein, onde as revoltas foram sufocadas.

O efeito dominó iniciado na Tunísia e no Egito com a Primavera Árabe não é infinito. Ou definitivo, como foi o caso das revoluções que varreram regimes autoritários do Leste Europeu, em 1989. Por ora, a Primavera Árabe parece ter esmorecido. As flores a inspirar revoltas murcharam. Mesmo assim, a esperança permanece. (Carta, 21 de março de 2011, grifos nossos)

Partindo dessa conjuntura sócio-histórica em que se permite dirimir algumas questões sobre as revoltas no mundo árabe e tomando os conceitos de Bakhtin acerca das propriedades

⁹ Tem por objetivo introduzir o leitor na reportagem e despertar seu interesse pelo texto já nas linhas iniciais. Pressupõe que qualquer texto publicado no jornal disponha de um núcleo de interesse, seja este o próprio fato, uma revelação, a ideia mais significativa de um debate, o aspecto mais curioso ou polêmico de um evento ou declaração de maior impacto ou originalidade de um personagem. (Manual de Redação: Folha de S. Paulo. p. 28. São Paulo: Publifolha, 2010.

¹⁰ Para maiores informações acessar: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/ultimato-da-onu-ao-tirano-2/> Acessado em 25 de junho de 2012.

da palavra, notar-se-á que as acepções da palavra são reverberadas de acordo com o contexto em que ela está em uso. As significações da palavra podem ser ampliadas na medida em que os contextos também sejam modificados.

A análise realizada nos fragmentos das reportagens da *Carta Capital* e da *Veja* partem das concepções bakhtinianas acerca da palavra, tendo em vista as suas quatro propriedades: *pureza semiótica, possibilidade de interiorização, participação em todo ato consciente e neutralidade*. (STELLA, 2007, p. 179).

A *pureza semiótica* diz respeito à palavra dicionarizada que pode assumir funções diversas ao se materializar, podendo ser usada em várias situações. “Refere-se à capacidade de funcionamento e circulação da palavra como signo ideológico, em toda e qualquer esfera, diferentemente dos materiais criados especificamente para o funcionamento em uma esfera.” (STELLA, 2007, p. 179)

A *Interiorização* da palavra está relacionada às novas acepções que a palavra pode passar a adquirir de acordo com as entoações valorativas do locutor, ou seja, qual o significado que se deseja dar aquela palavra. Segundo Stella (2007) há um embate entre o signo internamente circulante e as nuances de sentido. “Quanto à *interiorização*, a palavra constitui o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência) constituído por palavras, e o mundo exterior construído por palavras.”

Este embate leva a um novo ponto de vista sobre o signo, que não é mais idêntico ao que circula na consciência e o signo do mundo exterior. “No que diz respeito à *participação em todo ato consciente*, a palavra funciona tanto nos processos internos da consciência, por meio da compreensão e a interpretação do mundo pelo sujeito, quando nos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológica.” (STELLA, 2007, p. 179)

A última propriedade da palavra é a *neutralidade*, que pode “assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira em que aparece num enunciado concreto”. (STELLA, 2007, p. 179).

Após a explanação dos conceitos sobre as propriedades da palavra, tomar-se-á como análise os fragmentos das reportagens da *Carta Capital* e da *Veja* sobre a *Primavera Árabe*. Sobre a *pureza semiótica* a expressão *Primavera Árabe* pode ser analisada em sua forma dicionarizada, porém ela não estará limitada somente a estas acepções.

Palavra dicionarizada:

Primavera: s.f (Do lat. Primo vere, no começo do verão, pelo lat. Tard. prima vera). 1. Estação do ano que precede o verão e sucede ao inverno. – 2. Fig. Época primeira, tempo primordial; aurora – 3. Fig. Juventude. – 4. Poét. Ano.

Árabe: Adj. e.s.m. e.f. (Do lat arabs, arabis.) Da Arábia; dos países muçulmanos. s.m. Língua Semítica falada principalmente no norte da África. Oriente Próximo e Arábia.

Quando materializada pelo locutor, a palavra passa a ter um sentido mais amplo, o que se dá com a *interiorização* da palavra. Conforme Stella (2007, p.187), “o processo de interiorização se dá entre o signo internamente circulante e o externo. Ele acontece na compreensão dessas nuances de tons, circulantes no signo externo. Os novos significados devem ser compreendidos pelo interlocutor”. Assim, as palavras *Primavera* e *Árabe*, ao formar uma nova expressão, remetem a outros sentidos que o interlocutor deve assimilar, sem se referir propriamente a suas formas dicionarizadas como na *pureza semiótica*.

Esses novos sentidos resultam na terceira propriedade, a *participação em todo ato consciente*. O interlocutor ao ouvir ou ler a expressão *Primavera Árabe* passa a dar um novo sentido a ela, rompendo assim com as primeiras acepções que as palavras tinham antes de se conhecê-las em um novo contexto.

O signo interno, que circula na consciência como resultado da integração entre a experiência socioideológica do sujeito sobre esse signo e o mundo exterior, não é idêntico ao signo original. E o signo externo, circulante nas várias esferas ideológicas e, portanto, inoculado pelos aspectos genéricos e carregados de entoações, também não é idêntico àquilo que passa a circular internamente na consciência do sujeito. (STELLA, 2007, p. 187-8)

As palavras *primavera* e *árabe*, formando uma expressão, passam a suscitar muito mais do que uma mera estação do ano ou a designar um povo, uma nação. Com a *participação em todo ato consciente* o interlocutor as internaliza no sentido de revolta popular, revolução, luta por democracia, conforme o novo contexto estabelecido para o uso de tais palavras. Porém, para que este processo de interiorização da palavra, sua assimilação e construção de uma nova acepção sejam feitas, o interlocutor é remetido a conhecimentos prévios sobre a utilização do termo em outras ocasiões, como um possível conhecimento sobre a *Primavera de Praga*, por exemplo, ou mesmo fazer alguma analogia ao termo *primavera* no sentido de indicar abertura.

Em relação à última propriedade, a *neutralidade* da palavra, a partir de sua materialização em um enunciado concreto ela passa a adquirir função ideológica. Ela só vai ser neutra se estiver descontextualizada. Ao analisar os fragmentos das reportagens é possível perceber a perda da neutralidade em função da ideologia presente nos enunciados. Na reportagem da revista *Veja* quando diz que:

O ataque à embaixada não é o primeiro dos muitos atos criminosos praticados por radicais maometanos com a cínica anuência das autoridades egípcias. Gangues de jovens muçulmanos destroem igrejas cristãs e atacam cidadãos cujo único crime é não comungar com eles a mesma religião. Os policiais sempre chegam atrasados a esses episódios, a tempo apenas de impedir que muito sangue seja derramado e caia a ficha do Ocidente de que a Primavera Árabe é apenas o prenúncio passageiro do duradouro inverno dos governos teocráticos dominados por radicais islâmicos. (Grifo nosso)

a expressão *Primavera Árabe* é contextualizada com as revoltas no Norte da África e no Oriente Médio, assim o interlocutor é levado a interpretar tal expressão com esta acepção, mesmo que no texto não esteja explicitado o seu real sentido. No texto há ainda uma antítese usando as palavras *primavera* e *inverno*, contrapondo-as para indicar quais os rumos que as revoluções nos países árabes podem tomar, de acordo com a *Veja*, facilitando a compreensão do interlocutor que pode entender *primavera* como termo positivo e *inverno* como termo negativo.

O mesmo diz respeito ao texto da *Carta Capital*. A *interiorização* da palavra e o *ato consciente* levam o leitor a se reportar aos fatos que acontecem no mundo árabe sem necessariamente precisar procurar no dicionário o que consta sobre tais palavras. No fragmento da reportagem da *Carta Capital* nota-se as implicações políticas que as revoltas nos países árabes podem ter e, assim como na reportagem da *Veja*, há outro jogo de palavras

para indicar que as revoltas podem não levar a grandes mudanças em alguns países, caso venham a perder forças. As palavras *primavera*, *flores* e *murcharam* levam a essas acepções.

O efeito dominó iniciado na Tunísia e no Egito com a Primavera Árabe não é infinito. Ou definitivo, como foi o caso das revoluções que varreram regimes autoritários do Leste Europeu, em 1989. Por ora, a Primavera Árabe parece ter esmorecido. As flores a inspirar revoltas murcharam. Mesmo assim, a esperança permanece. (Grifos nossos)

A palavra *primavera* pode remeter a algumas acepções, como uma estação do ano, sendo esta o sentido mais plausível da palavra, ou indicar que algo irá desabrochar como uma flor. Desta forma, a palavra *primavera* pode ser contextualizada para indicar algo que está florindo e que este florescer possa ser algo positivo. É preciso notar que a acepção de abertura política dada à palavra *Primavera* se torna irrevogável quando se faz uma menção ao período em que as insurgências nos países Árabes se iniciaram. Em janeiro de 2011, quando os civis na Tunísia se revoltaram, e logo depois no Egito, Bahrein e Líbia, era inverno nos países do hemisfério norte. Nota-se então que a palavra *primavera* quando usada para designar as mudanças políticas no mundo árabe cria-se uma expectativa de abertura política. Porém, no caso da *Veja*, usou-se a palavra *inverno* para demonstrar sua desconfiança com a proposta de democracia nos países árabes. Para Bakhtin (2010, p. 98-9):

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* (Itálico no original)

Desta forma, as linhas editoriais das empresas jornalísticas podem apontar seus posicionamentos quanto às questões políticas, religiosas, etc. usando as mesmas palavras que foram usadas anteriormente em contextos diversos de acordo com interesses momentâneos. A expressão *Primavera Árabe* utilizada pelas revistas diz respeito ao mesmo evento, porém a *Carta Capital* a entende como uma abertura política, enquanto a *Veja* compreende que a *Primavera Árabe* vai levar o mundo árabe na verdade ao radicalismo religioso. A expressão em si só não explica tais acontecimentos sem que haja uma interpretação dos fatos pelos sujeitos que produzem a notícia e daqueles que a consomem. Por isso a palavra pode adquirir várias acepções, dependendo do ponto de vista de quem a escreve e de quem a ler.

Referências

- ACHCAR, Gilbert. *Uma Primavera Árabe?* Le Monde Diplomatique Brasil, 2005. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/acervo.php?id=1219&tipo=acervo>>. Acesso em: 2 de julho de 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- BARREIROS, Ruth Ceccon; CAMARGO, Wander Amaral. *A questão da palavra em Bakhtin: uma proposta de análise*. 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/index1.htm>>. Acesso em: 3 julho de 2012.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CARTA, Gianni. *Perfume de Jasmim*. Carta Capital. Edição n° 630. p. 38-41, 26 de janeiro de 2011.

_____. *Ultimato da ONU ao tirano*. Carta Capital. 21 de março de 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/ultimato-da-onu-ao-tirano-2/>>. Acesso em: 25 de junho de 2012.

CORM, Georger. *Nas ruas, a volta do povo*. Le Monde Diplomatique Brasil. p. 36-7. Abril de 2011.

GALTUNG, J; RUGE, M.H. *A Estrutura do noticiário estrangeiro*. In: TRAQUINA, Nelson (Org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega Editora, 1999.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Larousse Cultural. Nova Cultura, 1999.

LIMA, Marcus A. Assis. *Jornalismo e "construção de futuro"*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-jornalismo-futuros.pdf>>. Acesso em 18 de Junho de 2012.

MACHADO, Irene. *Gêneros Discursivos*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

MIOTELLO, Valdemir. *Ideologia*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

PONZIO, Augusto. *A Revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2009.

STELLA, P. Rogério. *Palavra*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

TAZDAÏ, Tarik e CHAABANE, Naceur. *Características das revoluções*. Dossiê - Le Monde Diplomatique Brasil: O despertar do mundo árabe. Le Monde Diplomatique Brasil. p. 32-35. Ano 1, Julho/Agosto 2011.

TEIXEIRA, Duda. *Israel, uma nação sitiada*. Veja. Editora Abril. Edição 2235. p. 75. 21 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 25 de junho de 2012.

TV Cultura. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/culturaretro/o-que-foi-a-primavera-de-praga>>. Acesso em 2 de julho de 2012.

Veja. Editora Abril. Edição n° 2200. p. 34. 19 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em 25 de junho de 2012.